

A química dentro de casa

A revolução dos medicamentos aumentou a expectativa de vida

Por Fábio Marton

O futuro chegou e se parece mais com *Admirável Mundo Novo* do que com *1984*. No livro de Aldous Huxley, todo mundo, sem exceção, tomava o soma, a droga que resolvia todos as dúvidas, preocupações e problemas da condição humana. São inegáveis os avanços de qualidade de vida conseguidos pela medicação moderna. Problemas que por séculos foram considerados fatalidades hoje encontram soluções pela química. O Viagra e outras drogas para disfunção erétil causaram uma pequena revolução sexual na terceira idade. O câncer, o velho terror, não é mais uma sentença de morte — a quimioterapia é cada dia mais eficiente e menos agressiva. Uma análise publicada no Reino Unido pelo McMillan Cancer Support revelou que a expectativa de vida para pacientes com câncer de mama duplicou desde os anos 1970, e cresceu sete vezes para vítimas de câncer retal.

E, talvez a mudança com maior impacto cultural, a melancolia, condição primeiro romantizada, depois rebatizada como depressão, hoje pode ser deletada por uma receita. É um novo tempo, com novos problemas. “O Prozac ajudou a lançar uma era da droga *blockbuster* — um produto que gera mais de US\$1 bilhão em vendas anuais”, diz Jeffrey Avorn, professor de medicina da Universidade de Harvard, em artigo no *New York Times*.

A era do óleo de cobra

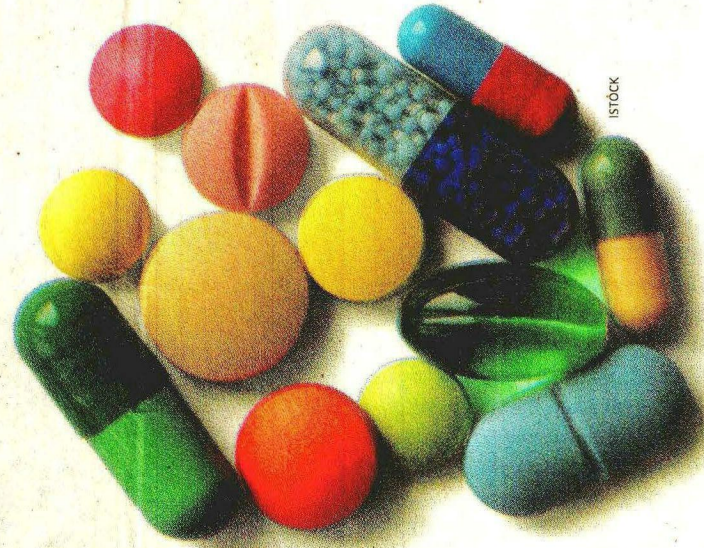
A indústria farmacêutica vem de uma tradição começada nos boticários medievais. Como a própria medicina, tudo funcionava numa base tradicional. “Por centenas de anos, a prática médica era dominada pelos ensinamentos ancestrais de Galeno”, diz Avorn. “Não se esperava de um

aprendiz que entendesse dados de experimentos, mas que memorizasse conceitos e receitas em relações arcanas de humores, regurgitando ideias erradas que passavam de médico a aprendiz por gerações.”

Tudo começou a mudar no século 19, com a criação de cursos superiores de farmácia. A aspirina, criada pela Bayer em 1897, foi o primeiro grande sucesso comercial de uma droga sintética. Experimentos do tipo duplo-cego, envolvendo placebos, uma marca central da indústria farmacêutica moderna, começaram em 1907. Porém, no mesmo lugar onde era possível se comprar remédios baseados em ciência, também eram vendidos óleo de cobra e medicamentos que prometiam milagres sem revelar suas fórmulas.

Não foi só a ciência que levou à farmácia moderna. “Nossa abordagem para remédios com receita é produto de duas correntes históricas que se uniram apenas recentemente”, diz Avorn. “A primeira foi a evolução política, que deu aos governos autoridade para decidir que produtos poderiam ser vendidos como remédios. A segunda foi a evolução científica que deu aos dados experimentais prioridade sobre a sabedoria recebida.”

Para conter a anarquia, foram criadas entidades governamentais. A primeira foi a Food and Drug Administration, dos Estados Unidos. Por décadas, porém, ela estava mais preocupada com honestidade comercial do que com segurança. Por exemplo, se você comprasse um elixir radioativo, a FDA só queria saber se existia realmente radiação nele, não os efeitos que causaria no organismo. Não é piada. Na década de 1920, foi vendido nos Estados Unidos o Radithor, com o elemento químico rádio — o mesmo que mataria a franco-polone-



sa e Prêmio Nobel Marie Curie. Prometia ser “a cura para os mortos vivos”. Um dos seus clientes foi o socialite Eben Byers, que afirmava ter tomado 1.400 garrafinhas. Ele desenvolveu cânceres, abscesso cerebral e dano nos ossos, que destruiu sua mandíbula. Como descreveu o *Wall Street Jour-*

nal: “A água de radiação funcionou bem até que sua mandíbula caiu”.

Nosso admirável mundo novo

Escândalos como esse levaram a leis mais rigorosas. Em 1938, o poder da FDA foi ampliado para um escopo mais moder-

Matando bactérias sem matar o paciente

Saber que bactérias causam doenças foi um imenso passo para a medicina. Restava saber o que fazer para combatê-las. A resposta veio com os antibióticos. Eles são bactericidas de uso interno — os tópicos, como o álcool, existem desde a Idade da Pedra, mas destroem os tecidos junto com os germes. Essa revolução, curiosamente, nasceu da falta de higiene de um cientista. Em 1928, Alexander Fleming notou que fungos matavam bactérias em culturas que ele havia jogado num canto de seu laboratório bagunçado. Descobriu que os fungos do gênero *Penicillium notatum* — o

mofo comum — eram capazes de inibir seu crescimento. Fleming isolou a substância, a penicilina, mas a produção industrial só começaria em 1941, a tempo de salvar milhares de vidas na Segunda Guerra. A penicilina não foi o primeiro antibiótico — as sulfonamidas, bastante tóxicas, eram produzidas desde 1932 —, mas tinha poucos efeitos colaterais. Do dia para a noite, antigos terrores como a tuberculose, difteria, sífilis e hanseníase se tornaram bem menos assustadores. Mas isso levou a um sério dilema. Quando se usa um antibiótico, por variação genética, algumas doenças se mostrarão resistentes. O resultado

no, exigindo testes antes de os remédios chegarem ao mercado. Na maior parte dos outros países, esse tipo de regra começaria a ser usado após a Segunda Guerra. No Brasil, o Ministério da Saúde surgiu em 1953, mas só ganhou o poder de controlar medicamentos em 1967. Isso não significa que esta seja uma era sem problemas. Em 2004, um estudo revelou que o anti-inflamatório Vioxx podia causar derrames e ataques cardíacos, fazendo com que fosse tirado das prateleiras após cinco anos e 80 milhões de pacientes tratados. No mesmo ano, foram publicadas as primeiras estatísticas relacionando o uso de antidepressivos ao aumento do risco de suicídio.

Ainda que o planeta não esteja mais na era do óleo de cobra, a reputação de agências reguladoras e sua relação com a indústria farmacêutica estão cada dia mais em cheque. “Até recentemente, preocupações com a influência das farmacêuticas nas decisões da FDA, ou com o papel da indústria em criar políticas de benefícios, eram tidas como papo de esquerdistas lunáticos”, diz Avorn. “O constante aumento da preocupação pública com a incompetência governamental em detectar e corrigir riscos das drogas, alinhadas com as crises fiscais causadas pelos gastos incontroláveis com medicamentos, públicos e privados, irão levar à reforma.”

REPRODUÇÃO ESTADÃO



O antibiótico nas páginas do jornal: vidas salvas na Segunda Guerra

leva a uma constante demanda por novos remédios. E, o pior medo, a bactérias que não são suscetíveis a nenhum antibiótico atual.